

Menino do Retorno e Fulana: possíveis relações entre o poema “O MITO”, de Carlos Drummond de Andrade, e um relato pessoal de paixão¹

por Ligia Ungaretti Jesus²

O MITO

Carlos Drummond de Andrade

Sequer conheço Fulana,
vejo Fulana tão curto,
fulana jamais me vê,
mas como eu amo Fulana

Amarei mesmo Fulana?
ou é ilusão de sexo?
Talvez a linha do busto,
da perna, talvez o ombro.

Amo Fulana tão forte,
amo Fulana tão dor,
que todo me despedaço
e choro, menino, choro.

Mas Fulana vai se rindo...
Vejam Fulana dançando.
No esporte ela está sozinha.
No bar, quão acompanhada.

E Fulana diz mistérios,
diz marxismo, rimmel, gás.
Fulana me bombardeia,
no entanto sequer me vê.

Menino do Retorno

Ligia Ungaretti Jesus

Eu tinha 14 ou 15 anos quando me apaixonei por um menino que eu não conhecia, mas via de longe quando, voltando da escola de carro, eu atravessava uma ponte na altura do Km26 da Rodovia Raposo Tavares, em São Paulo. Essa ponte era a saída para a casa onde eu morava e também era um retorno para quem quisesse dar meia volta na rodovia, por isso eu o chamei de Menino do Retorno. Ele sempre ia caminhando pela calçada, provavelmente depois de descer de um ônibus. Não era todo dia que esse nosso “encontro” acontecia, mas era todo dia que eu ansiava profundamente por ele. Eu conhecia de cor as curvas da estrada e conforme me aproximava do retorno eu me emocionava e me sentia como que paralisada, quase esvaziada de algo. Não me mexia. Quem estivesse dirigindo o carro jamais desconfiaria de nada, pois eu não fazia qualquer movimento. Apenas lamentava os dias em que não o via e tinha um quase arrepio no corpo nos dias em que o carro passava por ele. Eu estava perdidamente apaixonada, e com essa expressão quero dizer que eu como que me perdi naquele objeto em forma de menino.

Acho bom já dizer que nunca me aproximei fisicamente mais do que isso desse menino nem o vi por mais de alguns segundos seguidos. Era o tempo do carro atravessar a ponte. Às vezes ele estava um pouco antes do retorno, às vezes um pouco depois, mas eu sempre o via pelas costas, andando na calçada da rua e por apenas um breve momento. Provavelmente não o reconheceria se o encontrasse, tanto naquela época quanto hoje em dia. De fato, a história em si é bastante sem graça e quase nada de muito concreto aconteceu...

Ainda assim, essa experiência de apaixonamento se mostrou enormemente concreta para o meu Eu e conforme minha paixão crescia o Menino do Retorno (MDR) era colocado por mim em um pedestal cada

E sequer nos compreendemos.
É dama de alta fidúcia,
tem latifúndios, iates,
sustenta cinco mil pobres.

Menos eu... Que de orgulhoso
me basto pensando nela.
Pensando com unha, plasma,
fúria, gilete, desânimo.

Amor tão disparatado.
Desbaratado é que é..
Nunca a sentei no meu colo
nem vi pela fechadura.

Mas eu sei quanto me custa
manter esse gelo digno,
essa indiferença gaia
e não gritar: Vem, Fulana!

Como deixar de invadir
sua casa de mil fechos
e sua veste arrancando
mostrá-la depois ao povo

tal como é ou deve ser:
branca, intata, neutra, rara,
feita de pedra translúcida,
de ausência e ruivos ornatos.

Mas como será Fulana,
digamos, no seu banheiro?
Só de pensar em seu corpo
o meu se punge... Pois sim.

vez mais alto e eu ia me diminuindo, me apagando, deixando de investir o que tinha de energia em mim mesma para investir naquele MITO. Ali estava minha energia narcísica sendo toda derramada pra fora naquele objeto em forma de rapaz, e deixando de ser investida em mim mesma. A teoria da libido (Freud, 1921) ajuda a esclarecer esse fenômeno em que a gangorra do investimento pende excessivamente para o lado do objeto, o qual vai assumindo o lugar de um Ideal de Eu, daquilo tudo que idealizamos sobre nós mesmos. Daquele Eu cuja perfeição pode ser enlouquecedora para o sujeito que, feito Narciso apaixonado pela própria imagem, se perde na paixão pelo objeto que ele mesmo idealizou (Estarque, 2002).

Era como se eu estivesse viciada naquele menino; tomando aqui o vício como uma analogia possível para o estado de ser do apaixonado. O MDR foi ficando enorme para mim, realmente assumindo o lugar de Ideal de Eu, enquanto eu vivia uma fase bastante murcha em relação a mim mesma. Porque apesar de termos uma concepção muito definida do que é uma adição, pode-se dizer que esse conceito abarca todo e qualquer sujeito excessivamente apaixonado por seu objeto, seja esse objeto qual for (Gurfinkel, 2022). Quero dar ênfase aqui ao aspecto econômico (ou seja, dar importância à quantidade de energia investida no objeto), pois apaixonar-se pode tanto ser algo corriqueiro da vida – que vem e passa ou se transforma – como pode acontecer de forma a desestruturar o sujeito, por assim dizer. São diferentes as paixões... Uma analogia possível com uma das adições mais conhecidas seria pensar na diferença entre fazer uso de bebida alcoólica esporadicamente ou ser um alcoolista. São diferentes usos de uma mesma coisa; diferentes níveis de investimento libidinal em um mesmo objeto.

Não vou me aprofundar na temática de outras adições nesse trabalho, mas posso dizer que a minha paixão pelo MDR foi bastante aditiva. Não foi a primeira vez que me apaixonei, tão pouco foi a última, mas foi a mais desequilibrada em relação ao investimento libidinal narcísico ou de objeto. Ou seja, eu me perdi naquele menino. Perdi meu Eu nele e a balança de investimento libidinal pendeu para o lado do objeto, excessivamente.

Vale dizer que o contexto de vida tinha lá suas especificidades e que a paixão não foi/é meu único vício, mas talvez seja um dos mais bem aceitos social-

Porque preciso do corpo
para mendigar Fulana,
rogar-lhe que pise em mim,
que me maltrate... Assim não.

Mas Fulana será gente?
Estará somente em ópera?
Será figura de livros?
Será bicho? Saberei?

Não saberei? Só pegando,
pedindo: Dona, desculpe...
O seu vestido esconde algo?
Tem coxas reais? Cintura?

Fulana às vezes existe
demais: Até me apavora.
Vou sozinho pela rua,
eis que Fulana me roça.

Olho: Não tem mais Fulana.
Povo se rindo de mim
(Na curva do seu sapato
o calcanhar rosa e puro.)

E eu insonte, pervagando
em ruas de peixe e lágrima.
Aos operários: A vistas?
Não, dizem os operários.

Aos boiadeiros: A vistas?
Dizem não os boiadeiros
Acaso a vistas, doutores?
Mas eles respondem: Não.

mente, portanto mais fácil de ser compartilhado em um texto. Afinal, quem nunca se apaixonou? Sim, são diferentes as paixões, mas imagino que mesmo aqueles que nunca tenham se apaixonado excessivamente tenham facilidade para empatizar com aqueles que são perdidamente apaixonados. Por isso, a paixão parece ser uma forma bastante efetiva de aproximação com o estado de ser do adicto.

E me aproveitando da conotação positiva que tem o estado de ser do apaixonado, quero colocar aqui que, apesar do desequilíbrio e consequente queda e de todo sofrimento envolvido, celebro e agradeço haver vivido na vida uma paixão adicta (Ernaux, 2023). Que prazer nos proporciona poder depositar em um objeto tanta energia narcísica! E se deixar levar pela idealização de que aquele por quem me apaixonei é perfeito, tem tudo, e um dia será meu.

Essa última sentença pode soar brega ao leitor, mas espero que isso não mascare a força do apaixonamento que estou tentando transmitir nesse texto.

Voltando ao caso, aos poucos minha paixão pelo MDR foi sendo descoberta, ou melhor, eu fui mostrando-a para amigos na escola e lembro de os meninos começarem a fazer piada disso. Eu que contei, não tinha porque reclamar e acho que não me importava muito com a chacota, mas ao mesmo tempo tinha sim vergonha. Porém justamente por estar com o Eu bastante desinvestido, já não tinha muito cuidado com o que pensariam de mim. Também lembro de contar para algumas amigas da minha paixão pelo MDR, inclusive li o poema ao lado para algumas delas na tentativa de fazer com que compreendessem o que eu estava sentindo, mas sentia que era sempre em vão. Ninguém pareceu entender e eu sempre acabava me sentindo louca e ridícula, mas isso não fazia com que a paixão diminuísse nem com que eu parasse de contar para todo mundo quando o via no retorno, como o amava ou como ele era. Eu lamentava o fracasso em tentar fazer com que minhas amigas sentissem aquilo que, do meu ponto de vista, era tão lindo de sentir, ainda que ilusório (Ernaux, 2023). E reconheço que, embora eu imaginasse mil vezes nosso encontro, nosso apaixonamento mútuo, nossas experiências sexuais transcendentais e a constituição da nossa família perfeita, eu tinha um absoluto pavor em perder aquele objeto tão distante que detinha todo meu amor e ideal. E para manter ele lá eu precisava manter a situação paralisada, feito Narciso que fica

Pois é possível? Pergunto
aos jornais: todos calados.
Não sabemos se Fulana
passou. De nada sabemos.

E são onze horas da noite
são onze rodas de chope
onze vezes dei a volta
de minha sede; e Fulana

talvez dance no cassino
ou, e será mais provável,
talvez beije no Leblon,
talvez se banhe na Cólquida;

talvez se pinte no espelho
do táxi; talvez aplauda
certa peça miserável
num teatro barroco e louco;

talvez cruze a perna e beba,
talvez corte figurinhas,
talvez fume de piteira,
talvez ria, talvez minta.

Esse insuportável riso
de Fulana de mil dentes
(anúncio de dentifrício)
é faca me escavacando.

Me ponho a correr na praia.
Venha o mar! Venham cações!
Que o farol me denuncie!
Que a fortaleza me ataque!

imóvel ao lado da sua imagem no reflexo do lago
depois de perceber que, se tocá-la, a água vibra e
sua imagem desaparece (Estarque, 2002).

Porém manter essa paralisação não foi possível e
chegou o dia em que vi o MDR como já havia visto
tantas vezes, mas nesse dia tinha um amigo sentado
no banco de trás do carro. Hesitei por um segundo,
mas a história já estava tão escancarada que resolvi
apontar o MDR para o carona e, para nossa surpresa,
meu amigo o reconheceu. Me disse o nome dele,
onde ele estudava e que eram amigos, inclusive já
havam estudados juntos. Não escrevo o nome do
MDR aqui para não o expor, mas também, e princi-
palmente, porque esse nome não faz parte da história.
Nunca aproximei esse nome ao MDR; minha paixão
não foi pela pessoa em si – completo estranho – mas
sim por algo narcísico que eu projetei nele, meu Ideal
de Eu. Me apaixonei por aquele MITO (o título do
poema em caixa alta é tão adequado ao fenômeno!)
que eu sabia que EU havia criado. Ainda assim, que
potência tinha aquele MITO! Por mais que eu tivesse
consciência da minha responsabilidade pela ideal-
ização, seguia sendo incapaz de dissolvê-la e, claro,
não queria a consequente perda e sofrimento que eu
viveria ao fazê-lo.

Mas, como eu já disse, a paralisação não se manteve
e as ligações entre mim e o MDR foram aparecendo:
minha irmã o conhecia, minha amiga estava se rela-
cionando com um grande amigo dele, um outro
amigo era bem próximo dele, além daquele carona
que o conhecia... Enfim, todo meu distanciamento
ruiu e ele foi convidado para a festa de aniversário
de 15 anos de uma amiga muito próxima. Não lem-
bro quem o convidou nem se me perguntaram se eu
queria que ele fosse convidado, mas não me opus e
apostei que esse encontro se daria da forma mágica
que eu imaginara, embora as condições para isso
fossem bastante inóspitas – uma festa de adoles-
centes onde ele não conhecia quase ninguém. Mas
disseram que ele ia, e eu na mais pura ambivalên-
cia quis me arrumar naquele dia para conhecer o
MDR, porém eu tinha tão pouca energia narcísica
para oferecer a mim mesma... Foi quando a aniver-
sariante veio em meu auxílio e me emprestou suas
roupas, sua maquiagem, tudo... Eu me deixei ser ves-
tida e investida por ela e acabei me sentindo um
pouco fantasiada, com uma blusa que não caía bem
e com perfume. Eu detesto perfume. Serei eterna-
mente grata pelo cuidado da minha amiga e acho
que ela não imagina da importância que teve seu

Quero morrer sufocado,
quero das mortes a hedionda,
quero voltar repellido
pela salsugem do largo,

já sem cabeça e sem perna,
à porta do apartamento,
para feder: de propósito,
somente para Fulana.

E Fulana apelará
para os frascos de perfume.
Abre-os todos: mas de todos
eu salto, e ofendo, e sujo.

E Fulana correrá
(nem se cobriu: vai chispando)
talvez se atire lá do alto.
Seu grito é: socorro! e deus.

Mas não quero nada disso.
Para que chatear Fulana?
Pancada na sua nuca
na minha é que vai doer.

E daí não sou criança.
Fulana estuda meu rosto.
Coitado: de raça branca.
Tadinho: tinha gravata.

Já morto, me quererá?
Esconjuro, se é necrófila...
Fulana é vida, ama as flores,
as artérias e as debêntures.

investimento libidinal em mim no seu próprio aniversário de 15 anos, mas eu fui vestida por outra pessoa e a consequência foi sair me sentindo um tanto desconjuntada, para não dizer ridícula, mas era tudo o que eu poderia fazer naquele dia e sim, me apresentei naquela fantasia para a festa, para todo mundo ver, inclusive o MDR.

Lembro de arrumarmos a casa para o evento, de onde a pista de dança foi montada, de uma foto polaroid que tiraram de mim com a aniversariante, da minha enorme espera pelo momento em que o MDR chegaria. O tempo passava devagar. Mas o tempo passou, a festa acabou e o MDR não apareceu.

Eu me senti humilhada. Queria sumir do mapa e feito a ninfa Eco, apaixonada por Narciso e rejeitada pelo mesmo, eu queria sumir, desaparecer (Kilomba, 2019). Fui dormir muito triste e pensei nas muitas justificativas para a falta do MDR. Talvez ele tivesse outra festa, talvez tivesse perdido a hora, talvez tivesse vergonha de ir numa casa cheia de desconhecidos ou, a pior das possibilidades, talvez tivesse asco e pena da menina que tinha se apaixonado por ele sem ao menos o conhecer. Afinal, porque ele, que era tão querido, amado e perfeito, se interessaria por uma menina esquisita que olhava ele de dentro de um carro na volta da escola? Eu o imaginava andando pelo retorno sentindo um desconforto enorme ao imaginar que aquela menina poderia passar a qualquer momento dentro de um carro e ficar observando ele pelas costas. Como tudo podia ter acontecido tão diferente do que eu havia idealizado?

Na manhã seguinte à festa acordei um tanto fora de mim (é interessante como a expressão “fora de mim” pode ser pensada a partir do Ideal de Eu deslocado para o objeto, um Eu fora de si, alocado no outro) e me sentindo disposta a movimentar aquela situação, decidi que iria atrás de uma resposta. Eu já tinha me exposto tanto que senti que não tinha muito mais a perder. Ele que me achasse mais esquisita ainda... Pedi o número do MDR para alguma dessas pessoas que eram ponte entre nós dois, peguei o telefone e liguei. Sabia que talvez esse fosse um ato desmedido ou até humilhante, mas eu estava indignada e queria alguma satisfação. Não lembro da voz dele, mas lembro que ele pareceu ser muito calmo e que a conversa foi muito rápida. A explicação foi de que ele havia dormido no sofá, por isso não fora na festa. Provavelmente eu disse um “tá bom, então” e nos despedimos. Nunca mais nos falamos. Me arrependi muito

Sei que jamais me perdoara
matar-me para servi-la.
Fulana quer homens fortes,
couraçados, invasores.

Fulana é toda dinâmica,
tem um motor na barriga.
Suas unhas são elétricas,
seus beijos refrigerados,

desinfetados, gravados
em máquina multilite.
Fulana, como é sadia!
Os enfermos somos nós.

Sou eu, o poeta precário
que fez de Fulana um mito,
nutrindo-me de Petrarca,
Ronsard, Camões e Capim;

que a sei embebida em leite,
carne, tomate, ginástica,
e lhe colo metafísicas,
enigmas, causas primeiras.

Mas, se tentasse construir
outra Fulana que não
essa de burguês sorriso
e de tão burro esplendor?

Mudo-lhe o nome; recorto-lhe
um traje de transparência;
já perde a carência humana;
e bato-a; de tirar sangue.

de ter ligado e me arrependi muito de não ter falado
mais. Me arrependia muito para todos os lados, me
sentia a última das meninas merecedora da atenção
dele ao mesmo tempo em que acreditava que se eu
conseguisse alcançá-lo, mostrar para ele o que eu
sentia, ele seria o único a realmente se conectar com
aquela paixão..., mas ele era inalcançável!

Toda comunicação entre eu e o MDR se deu atra-
vés de terceiros, com exceção dessa vez em que
eu telefonei para ele. E bastante coisa foi comuni-
cada... Ele sabia do meu apaixonamento, sabia do
apelido de MDR, sabia que eu o via andando pelo
retorno o KM26 e sabia do poema do Drummond
que eu associava a ele. E eu sabia que ele sabia de
tudo isso. Como eu lamentei ter assustado aquele
menino... Não queria nada disso, queria o contrário
e tinha a esperança de que, justamente por saber
de tudo isso ele se interessaria por mim e mais, se
apaixonaria por mim e, numa hipérbole do enamo-
ramento eu alucinava que nós dois nos uniríamos
para sempre em uma perfeita comunhão que nunca
existira antes. Ele sabia do poema! Será que nem
isso seria capaz de fazer com que ele sentisse por
mim o mesmo que eu sentia por ele?

Que atroz é a força do Ideal de Eu personificado em um
objeto, em uma pessoa, em uma paixão intensa demais.

E num movimento espiralado eu fui transitando
entre a apaixonada fixada no objeto da paixão - feito
Narciso fixado em sua própria imagem; a humilhada
recolhida que se faz invisível – feito a ninfa Eco
escondida na caverna; e a revoltada fora de si que
grita e expõe sua condição – feito o sujeito apaixo-
nado pela Fulana. E todo esse movimento foi atra-
vessado desde bem cedo pelo poema ao lado, poema
que era em si mesmo um MITO, descrevendo magis-
tralmente tudo o que eu vivia. Falava da Fulana
como sendo tudo aquilo ao mesmo tempo em que
mostrava consciência de que era tudo uma ilusão.
Falava da capacidade de humilhação do apaixonado
frente à amada e falava da esperança de que essa
humilhação surtisse algum efeito a favor do apa-
ixonado. Falava do arrependimento de expor seus
sentimentos para Fulana e para todos os outros, ao
mesmo tempo em que falava de mostrar aquele
sentimento desmedido para quem quisesse ver, com
orgulho. E falava da megalomania utópica projetada
naquele encontro impossível, onde o casamento tão
sonhado seria a solução para todo e qualquer
problema (Freud, 1914).

E lhe dou todas as faces
de meu sonho que especula;
e abolimos a cidade
já sem peso e nitidez.

E vadeamos a ciência,
mar de hipóteses. A Lua
fica sendo nosso esquema
de um território mais justo.

E colocamos os dados
de um mundo sem classes e imposto,
e nesse mundo instalamos
os nossos irmãos vingados.

E nessa fase gloriosa,
de contradições extintas,
eu e Fulana, abraçados,
queremos... Que mais queremos?

E digo a Fulana: Amiga,
afinal nos compreendemos.
Já não sofro, já não brilhas,
mas somos a mesma coisa.

(Uma coisa tão diversa
da que pensava que fôssemos.)

Em alguma medida acho que a experiência em si foi em grande parte definida pelo próprio poema. Aos 14 e 15 anos de idade eu o lia e relia, muitas vezes, e ficava embasbacada com a denúncia de que eu havia colocado o MDR em tamanho pedestal, de que ele era um ideal criado por mim mesma.

Com o passar do tempo essa paixão foi se dissolvendo (Freud, 1924) e o MITO caiu. Acho que posso dizer que fui deixando de olhar para aquele Ideal de Eu e passei a ser mais capaz de olhar para o meu Eu, investir em mim mesma. “Se olha no espelho” disse uma grande amiga, me alertando para o fato de que eu precisava voltar a arrumar minimamente o meu cabelo. Passei a me olhar mais no espelho, porém já não fixada no meu Ideal de Eu e sim na minha própria imagem, que fui capaz de ver melhor e, assim, passei a ser capaz de ter atitudes para comigo mesma, como arrumar o cabelo, afim de justamente aproximar minha imagem do meu Ideal de Eu. Ideal esse tão diferente daquele fixado no MDR.

É como se fossem dois reflexos distintos de mim mesma, sendo o primeiro em forma de fixação no meu Ideal de Eu, paralisante e desorganizador, e o segundo um reflexo mais próximo do real, com imperfeições suportáveis e que sim, podem sofrer intervenções na tentativa de aproximar minha imagem de um Ideal de Eu cujo cabelo é mais arrumado, por exemplo.

E assim, ao investir mais energia narcísica em mim mesma, a balança libidinal já não pendia de forma tão desmesurada para o objeto.

Conforme isso aconteceu fui recuperando um equilíbrio e até hoje sigo na dança cujo movimento é entre investimento de objeto e investimento narcísico. Dança essa essencial à manutenção da vida e que me parece conversar com o que dizem as duas últimas estrofes do poema, aquelas 6 linhas que anunciavam que tudo passaria a ser bem diferente do que eu imaginara e que sim, continuaríamos a nos relacionar de alguma forma, eu e meus MITOS, Ideais e desejos de Retorno, para sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. O MITO. In: Antologia poética. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 198.
- COSTA, Jurandir Freire. À guisa de introdução: Por que a violência? Por que a paz? In: Violência e psicanálise. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. p. 11.
- DUFORMANTELLÉ, Anne. El amor el niño. In: En caso de amor – psicopatología de la vida amorosa. Buenos Aires: Nocturna Editora, 2018. p. 47.
- ESTARQUE, Tereza Mendonça. Os mitos de Narciso. In: Trieb/Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ. Nova Série, v.1, n.1. Rio de Janeiro: SBPRJ, 2002.
- ERNAUX, Annie. Tradução Marília Garcia. Paixão Simples. 1. Ed. São Paulo: Fósforo, 2023.
- FREUD, Sigmund. INTRODUÇÃO AO NARCISISMO (1914). In: Sigmund Freud – Obras completas, volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. Cap. VII: ENAMORAMENTO E HIPNOSE (1921). In: Sigmund Freud – Obras completas, volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. A DISSOLUÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO (1924). In: Sigmund Freud – Obras completas, volume 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FUKS, Mario Pablo. Psicopatologia Psicanalítica e Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Blucher, 2023.
- GURFINKEL, Decio. Adições: paixão e vício. São Paulo: Artesã, 2022.
- KILOMBA, Grada. Ilusões vol. I – Narciso e Eco. In: Desobediências poéticas / curadoria Jochen Volz e Valéria piccoli; ensaio Djamila Ribeiro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.

1 Originalmente apresentado no XII Congresso FLAPPSIP (Federação latino-americana de associações de psicoterapia psicanalítica e psicanálise) realizado em Santiago, no Chile, em outubro/2023.

2 Psicanalista, aspirante a membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.